

**PACTO NACIONAL PELO
FORTALECIMENTO DO
ENSINO MÉDIO: FORMAÇÃO
CONTINUADA PARA OS
PROFESSORES DO ENSINO
MÉDIO DO ESTADO DO
PARANÁ**

JUNHO-2014

**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE POLÍTICAS E TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS
DIRETORIA DE ARTICULAÇÃO PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

**PACTO NACIONAL PELO FORTALECIMENTO DO ENSINO MÉDIO:
FORMAÇÃO CONTINUADA PARA OS PROFESSORES DO ENSINO
MÉDIO DO ESTADO DO PARANÁ**

**JUNHO
2014**

GOVERNADOR DO ESTADO DO PARANÁ

CARLOS ALBERTO RICHIA

VICE-GOVERNADOR DO ESTADO DO PARANÁ

FLÁVIO ARNS

SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

PAULO SCHMIDT

DIRETOR-GERAL

EDMUNDO RODRIGUES DA VEIGA NETO

SUPERINTENDENTE DA EDUCAÇÃO

ELIANE TEREZINHA VIEIRA ROCHA

DIRETORIA DE POLÍTICAS E TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS

EZIQUEL MENTA

DIRETORIA DE ARTICULAÇÃO PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO BÁSICA

IVANILDE MARIA TIBOLA

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA

TELMA FALTZ VALÉRIO

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA DO ENSINO MÉDIO

MARLY ALBIAZZETTI FIGUEIREDO

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO

Departamento de Educação Básica

Avenida Água Verde, 2140

www.diaadiaeducacao.pr.gov.br

80240-900 CURITIBA – PARANÁ

COLABORADORES

Alexandra Maria dos Santos
Ana Carolina Morello
Angela Dorcas de Paula
Deuseles de Oliveira
Dolores Follador
Eliete de Lara Constante
Elisandra Angrewski
Elizabeth dos Santos
Gerson Luiz Portela de Oliveira
Hélio Puchalki
Janete de Fátima Stimamiglio
Josemary Moreno Delgado Rech
Juara Regina Arthury de Almeida Ferreira

Katya Aparecida de Carvalho Prust
Lucimar Donizete Gusmão
Marcelo Lambach
Maria Regina Bach
Marisa Leris Pereira da Silva
Marli Francisca Peron
Marly Albiazzetti Figueiredo
Monica Bernardes de Castro Schreiber
Otto Henrique Martins da Silva
Sulamita da Silva e Souza Fernandes
Telma Faltz Valério
Tiago Ungericht Rocha
Valéria Arias

ORGANIZADORES

Lorena Maria Laskoski
Marly Albiazzetti Figueiredo
Otto Henrique Martins da Silva

¹ É permitida a reprodução total ou parcial desta obra, desde que citada a fonte.

2.4 Eixo metodológico de articulação das disciplinas do currículo: tecnologias, mídias e comunicação

As tecnologias, as mídias e a comunicação podem exercer um papel relevante no processo de articulação dos conhecimentos escolares a partir das diversas disciplinas que compõe a organização curricular. Considerando a diversidade de conceitos atribuídos para estes termos, faz-se necessário realizar uma conceituação inicial para o escopo deste documento.

O conceito de Tecnologia pode ser entendido, a partir do nascimento da ciência moderna, como sendo a mediação entre o conhecimento científico e a intervenção do homem na natureza, para transformá-la (BRASIL, 2011). Ou ainda, conforme Cysneiros (2010), como o conjunto de conhecimentos ligados a qualquer objeto resultante da ação humana, como, por exemplo, arte, artesanato, indústria, entre outros.

No que se refere às mídias, pode-se considerá-las também como sendo objetos decorrentes da ação humana, “que permite[m] aos homens comunicar a expressão do seu pensamento quaisquer que sejam a forma e a finalidade desta expressão” (BALLE, 1995, p. 50).

Sobre a comunicação, ela pode ser entendida como um recurso que “serve para que as pessoas se relacionem entre si, transformando-se mutuamente e a realidade que as rodeia” (DIAZ-BORDENAVE, 1982, p. 36). Ou, ainda, para França, “é uma realidade plena e viva que não pode ser designada nem por suas partes componentes, nem por seu todo, mas pelas relações entre eles” (1998, p. 17). Constitui-se, assim, em um processo que não se encerra na oralidade; que se caracteriza pela sua continuidade (SOUSA, 2006).

Uma primeira análise desses conceitos nos permite observar que há um elemento comum que os une e lhes dá sentido como corpo descritivo das relações humanas em geral: a transformação. A transformação é, nesse sentido, o que justifica os termos em questão. Portanto, a tecnologia, a ciência, a comunicação e as mídias têm seu ponto de encontro marcado na dimensão transformadora da ação humana. Entre elas não há hierarquia, mas uma relação dialética, pois, ainda que sejam objetos distintos, não podem ser pensados separadamente, pois mantêm entre si uma

dependência conceitual e prática, acentuando-se o fato de que o vínculo que as conecta, a transformação, lhes confere uma própria razão de existência.

Para contribuir com esta discussão, Fischer (2007) propõe refletir sobre as tecnologias, e podemos incluir também as mídias, considerando-as como transformações históricas nos modos de fazer a aprender. As práticas cotidianas, inclusive nas escolas, transformam-se, alterando as relações com os saberes, com as trocas entre os sujeitos, nas formas de se inscrever o social, nos registros de escrita, no jeito de falar e pensar o mundo e os sujeitos do mundo.

Estas alterações apontam para o excesso e acúmulo de informações; para a velocidade de acesso aos fatos, às imagens e aos dados; para novos modos de viver a intimidade, a vida privada, em relação às práticas sociais e os espaços públicos; para uma compreensão diferente sobre as práticas do mercado, sempre ávidas por novidades; para a centralidade do corpo e da sexualidade na cultura com superexposição de corpos infantis e juvenis; e, para uma miscigenação de linguagens oriundas dos diferentes meios, criando as narrativas, sejam elas, ficcionais, publicitárias, didáticas ou jornalísticas.

Ressalta-se a importância de se estudar as imagens, os processos de produção, as formas de recepção, o uso das informações, das narrativas, das interpelações dos programas televisivos, dos filmes, dos vídeos, dos jogos eletrônicos, como práticas eminentemente pedagógicas, das quais o professor não pode se ausentar. É indispensável, que se reconheça o trabalho de simbolização presente naquele que imagina, planeja, produz e veicula as diferentes mídias, como também naquele que se apropria do que vê ou ouve. Para Fischer:

(...) são essas mesmas tecnologias, essas mesmas “máquinas de imagens” que nos fascinam, que interpelam com seus produtos as crianças, jovens, adultos de todas as idades. Estudá-las, na complexidade de todas as relações em jogo, de produção e criação, de veiculação e consumo, de fruição e apropriação, significa pensar o tempo presente, dizer a nós mesmos como nos tornamos o que chegamos a ser hoje, sujeitos de determinadas verdades e de certos modos de existência “tecnológica” – vividos como encantamento e fascínio, e ao mesmo tempo como frustração e sensação de impotência (2007, p. 297).

Desse modo, o desafio que se apresenta é vislumbrar a inserção desse potencial transformador a partir da articulação da tecnologia, das mídias e da

comunicação, no âmbito da educação – em particular, na prática pedagógica. Para o bom resultado dessa ação pedagógica, é necessário que as escolas se organizem e elaborem estratégias de ensino que oportunizem aos alunos uma aprendizagem significativa que conduza a uma postura mais crítica e um agir consciente diante da sua realidade.

Partindo do princípio de que o eixo “Tecnologia, Mídias e Comunicação” agrupa uma série de possibilidades pedagógicas, exigindo práticas e metodologias educacionais diferenciadas, bem como um novo olhar para o fim próprio da educação, no sentido da formação de consciências e modos de agir no mundo, é imprescindível que esse eixo se encontre articulado com as áreas do conhecimento presentes na proposta curricular da escola e com os demais eixos (epistemológico e metodológico) que compõem a Formação Continuada para o Ensino Médio, transitando entre eles.

O planejamento da atividade pedagógica pode fazer uso de diferentes encaminhamentos metodológicos a fim de alcançar seus objetivos. Como exemplo, a pesquisa é uma desses encaminhamentos e que se constitui numa opção metodológica, pois, “como um pressuposto epistemológico, é um procedimento capaz de fornecer elementos que sustentam as explicações dadas pelas teorias acerca dos fenômenos” (MORAES; GUIMARÃES, 2010, p. 53-54).

Portanto, na pesquisa, questionamentos e problematizações podem ser considerados elementos que fomentam a investigação, como também podem promover reflexões que geram novas indagações. Estas, no âmbito escolar, não podem ser tratadas sem o auxílio do conhecimento transposto didaticamente. Entretanto, para que a pesquisa tenha sentido epistemológico, a problematização deve estar inserida em um contexto sócio-histórico-político-econômico-cultural pedagogicamente articulado com a realidade próxima.

Tomemos o meio ambiente, por exemplo, como um contexto na sociedade contemporânea, marcado por problemas causados pela intervenção do homem. Nesse contexto, o uso das tecnologias, das mídias e da comunicação, mediado pela escola, pode representar um avanço nas relações dos indivíduos com o meio. Afinal, a integração desses elementos possibilita maior sensibilização e conhecimento do meio ambiente, bem como uma melhor compreensão dos problemas, para a busca de soluções.

No contexto anteriormente apontado e problematizado, uma possibilidade de trabalho nessa perspectiva, utilizando as tecnologias, pode iniciar a partir de questões como:

- No seu bairro/cidade ocorrem alagamentos?
- Em que período do ano e com que frequência isso acontece?
- Quais os possíveis motivos que causam os alagamentos?

Para responder a essas perguntas, os alunos podem realizar uma pesquisa de campo em que levantarão dados estatísticos; fazer reportagens ou entrevistas; pesquisar e/ou produzir textos, fotografias, vídeos, áudios, entre outros. Esses materiais devem retratar as ocorrências pontuais de alagamentos e principalmente possíveis elementos que os alunos acreditam que sejam os causadores desses eventos.

À luz do conhecimento historicamente construído, os alunos, orientados pelo professor, analisarão as informações levantadas, identificando diferentes hipóteses sobre as causas dos alagamentos. Para melhor compreender as hipóteses sobre as causas dos alagamentos, os alunos deverão produzir materiais que representem o contexto e o problema em estudo. Esses recursos podem compor-se de animações, vídeos, jornais, ilustrações, histórias em quadrinhos, radionovelas, entre outros.

A situação ilustrada representa uma possibilidade do uso integrado das tecnologias a partir de um contexto problematizado e, sua abordagem, precisa ser mais bem explorada pelos professores da rede pública de educação básica, em particular pelos professores do Ensino Médio, o que justifica a presença da inclusão deste eixo nesta Formação.

REFERÊNCIAS

BALLE, F. *Médias etsociétés: de Gutenberg à Internet*. 8.ed. Paris: Montchrestien, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Parecer CNE/CEB n.º 5/2011. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: 2011.

CYSNEIROS, P. G. Interação, tecnologias e educação. *In*: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Diretoria de Tecnologias Educacionais. **Diretrizes para o uso de tecnologias educacionais**. Curitiba: SEED-PR, 2010. (Cadernos temáticos).

DIAZ-BORDENAVE, J. E. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

FISCHER, M. R. B. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12 n. 35, maio/ago. 2007.

FRANÇA, V. V. **Jornalismo e vida social: a história amena de um jornal mineiro**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MORAES, A. C.; GUIMARÃES, E. F. Metodologia de Ensino das Ciências Sociais: relendo as OCEM-Sociologia. In: MORAES, A. C. (Coord.). **Sociologia: ensino médio**, Brasília, MEC, 2010.

SOUSA, J. P. **Elementos da teoria e pesquisa da comunicação e dos media**. 2. ed. Porto, 2006.